

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15624 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 03 - Educação Popular e Movimentos Sociais

EDUCAÇÃO EM TEMPOS NEOLIBERAIS: DA CRÍTICA À MERITOCRACIA AO DESENVOLVIMENTO DA PEDAGOGIA DA CONSCIENTIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO POPULAR

Thiago Ingrassia Pereira - UFFS - UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

**EDUCAÇÃO EM TEMPOS NEOLIBERAIS: DA CRÍTICA À MERITOCRACIA AO DESENVOLVIMENTO DA PEDAGOGIA DA CONSCIENTIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO POPULAR**

**Resumo:** as contradições sociais, políticas e econômicas desta etapa particular do capitalismo seguem fundamentando a Educação Popular como expressão política de resistência e de afirmação de práticas culturais emancipatórias. Fruto de pesquisa de natureza teórica, esta reflexão explora a lógica meritocrática como estruturante do neoliberalismo, apresentando para o debate a possibilidade contra-hegemônica de uma pedagogia da conscientização. Dessa forma, se mobilizam aportes teóricos de Paulo Freire em diálogo como referências dos campos da Sociologia e da Filosofia, tendo em vista a problematização da meritocracia em suas bases de sustentação capitalista. O estudo empreendido sinaliza para as atuais disputas de narrativas que mobilizam sujeitos e coletivos identificados ideologicamente com distintos projetos de sociedade. Ao campo da Educação Popular, o desafio de interpretação e participação no debate público se renova, considerando a permanente ofensiva do capital e de grupos reacionários fiadores da pedagogia da crueldade. Diante disso, desnaturalizar o mundo segue sendo desafio do campo democrático e popular.

**Palavras-chave:** Neoliberalismo, Pedagogia da Conscientização, Meritocracia, Educação Popular.

Em atividade no I Fórum Paulo Freire do norte, realizado em Manaus no ano de 2016, o professor Carlos Rodrigues Brandão observa que, “a educação popular e a obra de Paulo Freire seguem atuais porque os desafios e as contradições sociais seguem atuais”<sup>[1]</sup>. Dessa forma, o movimento teórico-prático da Educação Popular se renova frente aos desafios de justiça social, afirmação da dignidade humana e combate às opressões, mantendo seu compromisso com o povo, com aqueles e aquelas que são impedidos de “ser mais”, nos termos de Paulo Freire.

Esta reflexão considera o neoliberalismo como uma etapa particular do capitalismo e como uma estratégia do capital de enfrentamento de suas crises intrínsecas, responsável por grava crise humanitária e ambiental. Objetiva-se compreender o neoliberalismo em sua relação com a lógica meritocrática, com a hipótese de que esta lógica seria basilar para a naturalização do capitalismo. Apresenta-se, por meio de discussão teórica, a “pedagogia da conscientização” como estratégia de enfrentamento à desumanização.

O neoliberalismo, para além de uma dimensão teórica e de um projeto econômico e político, para Ferraro (1999) seria como um movimento social, de corte liberal e vinculado à direita, proponente de um sistema que abarca indivíduos e Estados, com forte vinculação a estratégias globalizantes em termos de desregulamentação de legislações sociais protetivas. Para Ianni (2004, p. 313), o neoliberalismo “funda-se no reconhecimento da primazia das liberdades relativas às atividades econômicas como pré-requisito e fundamento da organização e funcionamento das mais diversas formas de sociabilidade”.

Nesse sentido, o neoliberalismo se consolida também como uma potente ideologia do capitalismo no contexto de máxima financeirização, ultraindividualização e ataque à regulação econômica por parte do Estado (MORAES, 2001). Essa ideologia, construída originalmente por Hayek e sistematizada na obra de 1944 intitulada “O caminho da servidão” (1994), é difundida e aprimorada pela Escola de Chicago e pela Escola de Virgínia. Nomes como Milton Friedman e James Buchanan darão sustentação teórica a um projeto de sociedade gestado no seio do período do Estado de Bem-Estar na Europa do pós-Segunda Guerra Mundial e colocado em prática na ditadura de Augusto Pinochet no Chile, assim como nos governos da primeira-ministra britânica Margareth Thatcher e do presidente dos EUA Ronald Reagan, no início dos anos 1980.

Na América Latina, práticas de gestão estatal inspiradas no neoliberalismo começaram a emergir nas décadas de 1980 e 1990, aprofundando cenários de miséria no continente. Podemos lembrar que, “a vitória de Salinas de Gortari no México, de Carlos Menen na Argentina, de Fernando Collor no Brasil e de Alberto Fujimori no Peru, [...] simbolizou o advento de uma nova fase, neoliberal e globalizante” (VIZENTINI, 1999, p. 111). É nesse cenário que o campo democrático e popular latino-americano, renovado pelas vitórias parciais de encerramento de ciclos ditatoriais, se reorganiza e passa buscar novas frentes de entendimento e ação.

Assim, o campo da Educação Popular na década de 1990 passa por um processo de “(re)fundamentação” (ZITKOSKI, 2000) ou “revivificação” (GHIGGI, 2010), tendo em vista o aparente esgotamento de análises fragmentadas, temáticas, parciais, pragmáticas e/ou idealizadas (PALUDO, 2015). O impacto do neoliberalismo na sociedade em termos materiais e simbólicos também direciona o debate teórico crítico acerca da educação. Para Miranda (2020, p. 10): “o fundamental a ser compreendido quando se trata do neoliberalismo é que ele tem acirrado o processo de promoção da mais brutal desigualdade de renda e de condições sociais visto na história” [...]. Tudo isso implica novas formas de discriminação e

aprofundamento de desigualdades sociais, que põem em causa a luta pela defesa da educação, seja ela entendida como educação escolar ou como educação em sua acepção mais ampla”.

Ao perceber esse cenário e vivê-lo de forma crítica, Freire se insurge contra o contexto de sua fase final de vida nos anos 1990. Para ele, seria fundamental reconhecer a natureza ideológica da educação. Assim, considera que, “o discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões. O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca” (FREIRE, 2005, p. 128).

Em sua “Pedagogia da autonomia” (2005), Freire fala em enfrentamento da ditadura do mercado e da perversidade da ética do lucro. Percebe ele a desumanização e seus efeitos deletérios para a vida em sociedade e para o processo cognoscente. Ainda que com uma melhora relativa de indicadores sociais a partir da onda de governos de esquerda e centro-esquerda na América Latina no início do século XXI, o passivo histórico do processo colonial exploratório e a ausência de superação de práticas de gestão pública neoliberais, ainda constituem um cenário desafiador.

A pandemia de Covid-19, a partir de 2020, conjugada com uma nova onda conservadora e de extrema-direita de governos nacionais em muitas partes do mundo, retrocedeu o tímido avanço anterior. De acordo com o relatório “Lucrando com a dor” (2022, p. 3) da OXFAM:

- A fortuna dos bilionários aumentou, em 24 meses, o equivalente a 23 anos.
- Bilionários dos setores alimentício e de energia viram suas fortunas aumentarem em um bilhão de dólares a cada dois dias. Os preços dos alimentos e da energia subiram tanto, que atingiram seu nível mais alto em décadas. Além disso, 62 novos bilionários do setor de alimentos surgiram.
- A combinação entre a crise da COVID-19, o crescimento da desigualdade e o aumento dos preços dos alimentos pode fazer com que até 263 milhões de pessoas estejam na extrema pobreza em 2022, revertendo décadas de progresso. Tal número equivale a um milhão de pessoas a cada 33 horas.
- Ao mesmo tempo, um novo bilionário surgiu a cada 30 horas, em média, durante a pandemia.
- Ou seja, durante a pandemia, durante o mesmo tempo que levou, em média, para o surgimento de um novo bilionário, um milhão de pessoas podem cair na pobreza extrema este ano.

A desigualdade social, em sua faceta extrema, destrói o tecido social, humilha pessoas, as desumaniza e fomenta uma guerra permanente entre aqueles e aquelas que “estão dentro” e os e as que “estão fora”. Atualiza-se o célebre frase de Josué de Castro (1980, p. 22): “metade da humanidade não come; e a outra metade não dorme, com medo da que não come”. Diante desse cenário, é importante reconhecer cenários de grave situação material e de milhões de pessoas no Brasil passando fome ou com insegurança alimentar<sup>[2]</sup>. Esses casos extremos de

indignidade humana em termos objetivos (condições de alimentação, moradia, acesso à saúde etc.) se agravam em termos subjetivos/simbólicos – perda da autoestima e naturalização da “culpa” pela situação indigna.

Aqui reside o que fomenta a manutenção naturalizada de quadros agudos de desigualdade social: a lógica meritocrática. A meritocracia é o “poder ou governo do mérito”, sempre entendido em uma dimensão estritamente individual. Segundo Barbosa (2006, p. 21), “o termo meritocracia refere-se a uma das mais importantes ideologias e ao principal critério de hierarquização social das sociedades modernas, o qual permeia todas as dimensões da nossa vida social no âmbito do espaço público”. Na mesma linha, Souza (2020, p. 49) considera que “a ideologia principal do mundo moderno é a ‘meritocracia’, ou seja, a ilusão, ainda que seja uma ilusão bem fundamentada na propaganda e na indústria cultural, de que os privilégios modernos dão ‘justos’”. Ainda para o autor, “o ponto principal para que essa ideologia funcione é conseguir separar o indivíduo da sociedade”, reverberando processos individualistas que forjam narrativas muito sedutoras acerca do poder da ação dos indivíduo, o popular “quem quer, consegue”.

Como toda ideologia, a meritocracia acaba mostrando seu poder exatamente quando não se percebe sua atuação, pois está naturalizada. É “normal” e “justo” cada pessoa ter o que “merece” na vida. O mundo, assim, se organiza entre pessoas “vencedoras” e “perdedoras”, dilacerando o bem comum e o apoio, principalmente da “classe média” meritocrática, a políticas públicas compensatórias – como as ações afirmativas/cotas e políticas de renda mínima.

Diante disso, a desnaturalização é um esforço intelectual de primeira ordem para a construção de ações de resistência e afirmação crítica de um outro projeto de sociedade. Portanto, é na categoria praxiológica freireana “conscientização” (FREIRE, 2008) que se encontram possibilidades efetivas de um exercício cultural para a liberdade. Para Fiori, uma das referências de Freire e autor do prefácio de “Pedagogia do oprimido”, “educação e conscientização se implicam, mutuamente”, já que, “educar, pois, é conscientizar, e conscientizar equivale a buscar a plenitude da condição humana (FIORI, 2014, p. 83).

Ora, diante do contexto neoliberal causador, inclusive, de sofrimento psíquico (SAFATLE, 2020), educar para conscientizar assume uma condição revolucionária, potencializando processos de transformação social. Para isso, se exige um método, uma pedagogia. Assim, retoma-se a proposta de uma “pedagogia da conscientização” (FREITAS, 2004), pensada na formação docente para a posterior organização pedagógica intencionada à prática da liberdade.

O pressuposto construído no debate teórico sinaliza para o seguinte: “a conscientização não poderá ser entendida como um processo individual, mas sim social” (ZITKOSKI, 2022, p. 63). Além de coletiva, a conscientização requer intencionalidade pedagógica e embasamento em dados e teorias críticas. De certa forma, esse é o esforço

histórico do campo da Educação Popular: dialeticamente, denunciar desumanizações e anunciar possibilidades de transformação social, problematizando a ideologia meritocrática.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Livia. **Igualdade e meritocracia**: a ética do desempenho nas sociedades modernas. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. Rio de Janeiro: Antares, 1980.

FERRARO, Alceu Ravello. Neoliberalismo e políticas sociais: um pé em Malthus, outro em Spencer. **Universidade e Sociedade**, Brasília, vol. 9, n. 20, p. 21-33, set./dez. 1999.

FIORI, Ernani Maria. **Educação e política**: textos escolhidos. 2. ed. Vol. 2. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Pedagogia da conscientização**: um legado de Paulo Freire à formação de professores. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

GHIGGI, Gomercindo. Paulo Freire e a revivificação da educação popular. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 111-118, maio/ago. 2010.

HAYEK, Friedrich August von. **O caminho da servidão**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército/Instituto Liberal, 1994.

IANNI, Octavio. **Capitalismo, violência e terrorismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MACHADO, Rita de Cássia Fraga; CASTRO, Amanda Motta (Orgs.). **Educação popular em debate**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017.

MIRANDA, Marília Gouvea de. O neoliberalismo como ofensiva neoconservadora à educação brasileira. **Inter-Ação**, Goiânia, vol. 45, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 2020.

MORAES, Reginaldo. **Neoliberalismo: de onde vem, para onde vai?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

OXFAM. **Lucrando com a dor**. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/forum-economico-de-davos/lucrando-com-a-dor/>. Acesso em: 07 abr. 2023.

PALUDO, Conceição. Educação popular como resistência e emancipação humana. **Cad. Cedex**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, maio/ago. 2015.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, Nelson. da; DUNKER, Christian. (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 17-46.

SENADO. **Retorno do Brasil ao Mapa da Fome da ONU preocupa senadores e estudiosos**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-senadores-e-estudiosos>. Acesso em: 02 abr. 2023.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: como é e como vive**. 3. ed. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Dez anos que abalaram o século XX**. Porto Alegre: Novo Século, 1999.

ZITKOSKI, Jaime José. **Paulo Freire e uma nova filosofia da educação**. Porto Alegre: CirKula, 2022.

\_\_\_\_\_. **Horizontes de (re)fundamentação em educação popular: uma proposta com base na razão dialógica de Freire e na razão comunicativa de Habermas**. Frederico Westphalen: Ed.

URI, 2000.

---

[1] Círculo de cultura “educação popular: história e desafios atuais”, parte da programação do I “Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire: Educação Popular em Debate”, organizado pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Sobre as discussões realizadas no evento, ver Machado e Castro (2017).

[2] “Em 2022, o Segundo Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19 no Brasil apontou que 33,1 milhões de pessoas não têm garantido o que comer — o que representa 14 milhões de novos brasileiros em situação de fome. Conforme o estudo, mais da metade (58,7%) da população brasileira convive com a insegurança alimentar em algum grau: leve, moderado ou grave”. Fonte: Agência Senado (2022).